

PERFORMANCES DE UM CORPO CONTESTADO: HOMO/EROTISMO E ENVELHECIMENTO

Fernando Altair Pocahy
Universidade de Fortaleza, Brasil

Resumo

Este trabalho é resultado de uma pesquisa de doutorado realizado na região Sul do Brasil, na cidade de Porto Alegre. O trabalho investigou formas de regulação do gênero e controle da sexualidade em sua interface com os discursos normativos que se articulam ao envelhecimento. A pesquisa teve como um de seus objetivos problematizar as estratégias de contestação dos discursos injuriosos sobre a homossexualidade e envelhecimento. Para isto o estudo centrou-se nas performances e práticas sexuais de homens idosos que experimentam práticas homoeróticas desde dois espaços diferentes de homo/sociabilidade: uma sauna e videolocadora pornô e uma boate. Através de uma cartografia da “vida social do corpo” (Butler, 2004/1997, p.238) dois planos de pesquisa foram concebidos de forma a permitir a compreensão dos processos de objetivação e resistência que estão na base da produção discursiva sobre a homossexualidade e o envelhecimento. O primeiro plano está ligado às experiências sexuais de homens idosos em uma sauna gay. O segundo plano aborda as redes de sociabilidade articuladas em torno do homem idoso e jovens garotos de programa (trabalhadores sexuais masculinos) em uma boate. Estas duas entradas de problematização nos conduziram a aproximações sobre as disputas envolvendo os regimes discursivos da hétero/ homonormatividade (Duggan, 2003; Louro, 2009), como elementos importantes na produção e/ou manutenção dos discursos de abjeção que interpelam o velho homossexual.

Palavras-chave: corpo, envelhecimento, performatividade, gênero, sexualidade, homoerotismo

PERFORMANCES DE UM CORPO CONTESTADO: HOMO/EROTISMO E ENVELHECIMENTO

I. Introdução

Prazer/Fruição: terminologicamente isso ainda vacila, tropeço, confundo-me. De toda maneira, haverá sempre uma margem de indecisão: a distinção não será origem de classificações seguras, o paradigma rangerá, o sentido será precário, revogável, o discurso será incompleto.”

(Barthes, 2006, p.8)

O trabalho apresentado aqui é resultado de minha tese de doutorado realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)¹. A pesquisa investigou formas de regulação de gênero e de controle da sexualidade em sua interface com os discursos normativos sobre o envelhecimento e teve como objetivo compreender como as normas e discursos determinam o corpo, produzindo sua materialidade (discursiva) e suposta “evidência”, transformando-o em “realidade”. O trabalho desenvolvido consistiu de uma problematização os jogos de verdade (Foucault, 2001a [1984]) em torno das práticas homoeróticas na experiência de homens idosos².

Através de uma sorte de cartografia da “vida social do corpo” (Butler, 2004^a/ 1997, p.238) dois espaços de sociabilidade foram acompanhados para permitir a compreensão dos processos de objetivação e resistência que estão na base da produção discursiva sobre a homossexualidade e envelhecimento.

O primeiro plano de investigação está ligado às experiências sexuais de homens idosos, onde eles ocupam a centralidade nos jogos eróticos. O corpo idoso ocupa a cena de uma sauna e vídeo/cine pornô, atraindo boa parte de clientes interessados em idosos. O segundo plano, por outro lado, aborda as redes de sociabilidade desenvolvidas em torno do homem idoso e jovens garotos de programa (trabalhadores sexuais masculinos) em uma boate. Estas duas entradas de problematização levaram-me a uma reflexão sobre as disputas envolvendo os regimes discursivos da hetero e homonormatividade (Duggan, 2003; Louro, 2009), como elementos importantes na produção e / ou manutenção da posição de abjeção interpelada na figura do velho homossexual. Nestes dois espaços analisados, a figura do idoso é central e eles organizam a semiótica do desejo nestes lugares. No entanto, cada uma dessas sociabilidades é vivida pelos idosos de forma distinta. Isto é, em um espaço o

1 A tese foi produzida junto ao Grupo de Estudos em Educação e Relações de Gênero (GEERGE), sob a orientação da Profa. Dra. Guacira Lopes Louro.

2 Partes deste trabalho foram originalmente publicados em: Pocahy, Fernando. “Vem meu menino, deixa eu causar inveja”: ressignificações de si nas transas do sexo tarifado. *Sex., Salud Soc. (Rio J.)*, Ago 2012, no.11, p.122-154 ; Pocahy, Fernando Altair. Entre vapores & vídeos pornôs: dissidências homo/eróticas na trama discursiva do envelhecimento masculino. *Rev. Estud. Fem.*, Ago 2012, vol.20, no.2, p.357-376 ; Pocahy, Fernando. A Velhice como Performativo: Dissidências (Homo)Eróticas. *Ex aequo*, 2012, no.26, p.43-56.

idoso é desejado por homens mais jovens e por outros homens maduros ou mais velhos, sem qualquer intermediação financeira explícita ou institucionalizada. Diferente do espaço que se articula a partir da presença de profissionais do sexo (garotos de programa), onde o desejo dos idosos geralmente não encontra encaminhamento na direção de outro idoso. No entanto, observamos algumas vezes no trabalho de campo casais de homens maduros que buscam interações com garotos de programa.

Este estudo tentou abrir novas possibilidades para pensar sobre as práticas homo/eróticas envolvendo homens idosos, recorrendo às performances e às memórias de experiências de desobediência destes corpos dissidentes. Neste sentido, o corpo do velho /idoso foi compreendido a partir da perspectiva de uma materialidade que encarna e desencarna (encarnando outros) discursos, em uma perspectiva que destaca o trabalho interminável, incansável e ficcional das hétero/homonormas. Os corpos dos homens idosos cujas práticas foram investigadas nesta pesquisa de doutorado contestam seus destinos através de performances realizadas com (algum) prazer, (alguma) invenção, (alguma) graça, (algum) desafio e com alguma negociação, produzindo uma espécie de movimento ascético para uma vida criativa (Foucault, 2001b,c /1984).

Com este estudo privilegiei narrativas inusitadas, situacionais e efêmeras de homens idosos através de cenários dissidentes no interior das culturas homossexuais. O que eu pude acompanhar entre corredores escorregadios de uma sauna gay e um bar foi a imagem provisória de gays idosos em seus movimentos eróticos, ocupando determinadas posições na cidade e incorporando as representações comuns de um corpo desejável.

Eu poderia prosseguir conjecturas, mas nesta introdução eu prefiro ir direto ao ponto e abordar algumas questões que se constituíram em orientações importantes para este trabalho: Qual é o papel da idade nos jogos de poder que definem as regras e controle das experiências homo/eróticas? Como o corpo velho encarna ou desencarna (resiste) o conjunto de disputas que envolvem o reconhecimento e pertencimento social que, por sua vez, aciona processos de inteligibilidade influenciados pelo gênero e sexualidade?

2 . Abordagens epistemológicas e metodológicas

Com base no pensamento de Michel Foucault e Judith Butler tentei entender como as normas de gênero se articulam com a idade e as representações do processo de envelhecimento para formar uma certa imagem do velho homossexual. Embora eu saiba que regras regem o discurso, é importante ressaltar que eles produzem e controlam o sujeito, tornando-o corpo e vida inteligível (Butler, 2004b); normas que habitam corpos, como é o caso daquelas que se incorporam aos protagonistas deste estudo - na materialidade discursiva do corpo velho.

Assim, eu tentei mergulhar nos movimentos (homo)eróticos que poderiam indicar formas de resistência à norma, através de um trabalho de campo na perspectiva de uma participação observante (Mendes-Leite, 1994), e desde um ponto de vista discursivo-desconstrucionista em minha análise deste processo. A única coisa certeza que eu dispunha era

*Perfor-
mances
de um
corpo
contestado*

F. A. Pocahy

aquela de que a experiência trazida por estes idosos dissidentes/ desobedientes (Louro, 2004) poderia destacar a continuidade e descontinuidade dos jogos discursivos que tomam sua forma em corpo, oferecendo a evidência do caráter ficcional da norma e um rosto para a velhice.

A partir desta perspectiva, considere que as práticas eróticas e sexuais poderiam de alguma forma perturbar o gênero (Louro, 2004) a partir do interior de sua produção discursiva, desestabilizando as regras que produzem as identidades ditas sexuais. De alguma forma eu acredito que as práticas sexuais neste estudo não dizem nenhuma verdade sobre os sujeitos. Eu estou convencido de que os interlocutores que possibilitaram a construção dessa pesquisa também se movimentam em flerte como os jogos morais que envolvem e permeiam os corpos, regulam os gêneros e prescrevem práticas sexuais. No entanto, estes sujeitos experimentam movimentos de contestação, como deslizos de um corpo sobre o piso molhado da sauna. Para alguns, a cena-vivida da sauna ou do bar são exceção. Ou seja, mesmo no avesso da norma, flerta-se com ela, mesmo no interior de um espaço dito de contestação.

Neste trabalho de pesquisa, eu fiz alguns arranjos de narrativas situacionais e efêmera de um corpo interpelado como “menor”, com base nos indícios que sugeriam uma imagem aproximada de um velho, desde um território clandestino e estigmatizado. O que eu pude acompanhar foi uma imagem provisória deste “homem velho”, ocupando um lugar possível na cidade e em seus movimentos de erotismo, deformando as representações de um corpo (normalmente) desejável.

Reitero a ideia de que a pesquisa consistiu em uma cartografia de uma (Homo)erotiCidade – um neologismo para significar uma erótica homo a ter lugar na cidade - e em suas cenas dissidentes. Além disso, o apresenta uma cena de erotismo que foi construída e decidida no momento mesmo de sua própria experiência e em um movimento político-epistemológico contexto-dependente.

Assim, como este estudo não se alojou em pressupostos de um mapa fixo e de taxonomias do desejo, nada foi previamente determinado e os resultados disso se prestam pouco a representatividade, uma vez que as fotografias existenciais e eróticas continuam se (re)desenhando e modificando os sujeitos e a cidade (Porto Alegre). O que resta é apenas um momento de algo produzindo como um esboço da experiência política da corporeidade, rastros e restos de desejo e prazer em uma cena efêmera. Além disso, talvez hoje, como muito costumeiramente se estabelece, alguns dos espaços já podem não mais existir ou funcionar no mesmo arranjo da experiência daquele momento da cartografia.

Considero ainda que, embora essas práticas não tenham a pretensão política de romper com as normas de gênero, mesmo nas formas mais desobedientes de experimentação que pude testemunhar durante o trabalho de campo entre 2007 e 2010, reafirmo que as imagens dos sujeitos que performaram/executaram estas cenas me ofereceram possibilidades para alargar a minha reflexão sobre o teatro da heteronormatividade compulsória. Uma cena onde se parodia(ra)m os *pocket shows* de hetero e homonormatividade produzida e mantida através de enunciados performativos, em seus rituais de fixação do real ficcionado.

3. As muitas idades de um corpo – ou os muitos corpos de uma idade: a velhice como performatividade

Considero a idade e a sexualidade como elementos que produzem as condições de possibilidade para determinadas performances de gênero, subvertendo as normas ou não. No entanto, o caráter ficcional da norma e da repetição constante que a reforça também podem produzir falhas neste sistema que fazem com que algumas vidas ocupem os limites do social da/na abjeção (Butler, 2004b). A partir dessas falhas, materializadas em práticas, sabemos que é impossível pensar em identidades sexuais ou de gênero fora da norma, uma vez que são produzidos pelo próprio agenciamento que faz a sua identificação como algo possível. No entanto, isso não significa que a ruptura não possa ter lugar, como afirmei.

Estou quase certo de que uma das formas pelas quais a heteronormatividade e a homonormatividade podem ser desafiadas se dá em micromovimentos/ micropolíticas do desejo. Apesar de as normas se estabelecerem antes de qualquer escolha individual (Butler, 2004a, p.7) os sujeitos dizem algo sobre si (materializando uma singularidade no processo de subjetivação) em gestos, narrativas e na organização / auto-estetização e cenarização dos espaços onde se inserem, articulando e negociando as representações produzidas em jogos performativos. Portanto, eles podem exercer algum tipo de auto-determinação e negociação, articulando representações em esquemas performativos contestatórios ou assujeitados aos regimes normativos.

Seria duvidoso pensar que a norma, na sua repetição constante, funciona sempre da mesma maneira, produzindo os mesmos efeitos. Os próprios componentes do discurso normativo estão sempre sujeitos ao fracasso. A repetição produz a ilusão de que a norma é natural. As falhas e as resistências revelam seu caráter fictício/fabricado. Talvez essa seja a razão pela qual, por vezes, a norma padeça de seus próprios efeitos. Seguindo os rastros de Michel Foucault, o poder, em sua formação estratégica, não pode ser pensado sem resistência, assim a norma em sua repetição constante daria a oportunidade de uma virada de jogo (Foucault, 1995).

Esta fragilidade da norma pode ser percebida no tráfico silencioso de significados (Preciado, 2009) que o/corre no interior dos sistemas biopolíticos, corroendo o poder discursivo e sua maquinaria de saber/ conhecimento. Se nós somos um tipo de efeito do discurso, produzido por jogos de poder-saber, isso não significa negar a evidência daquilo que nos torna seres vivos - os órgãos, a pele e os sentidos.

É justamente a ideia de natureza irreduzível o que faz do corpo uma superfície contundente no engendramento de determinados jogos de verdade. Como aqueles jogos da produção do regime discursivo que institui a sexualidade como um mecanismo de poder - “ao mesmo tempo um mecanismo de saber, de saber dos indivíduos, saber sobre os indivíduos, mas também saber dos indivíduos sobre eles mesmos e quanto a eles mesmos” (Foucault, 2001/ 1978e, p.566).

Performances de um corpo contestado

F. A. Pocahy

Produzimo-nos como sujeitos reconhecidos socialmente não unicamente pela materialidade visível de nossos corpos, mas pelo traçado discursivo (na circulação de enunciados) que ficcionam o corpo como matéria de inteligibilidades. Logo, se eu interrogo os sistemas/regimes de verdade, eu tenho a chance de me interrogar também sobre a minha própria “constituição e ontologia” (Butler, 2006), isto é: sobre meu próprio status ontológico. Como aponta:

“Se o poder atinge o corpo, não é porque ele foi interiorizado inicialmente na consciência das pessoas. Existe uma rede de bio-poder, somato-poder, que é em si mesma uma rede a partir da qual nasce a sexualidade como fenômeno histórico e cultural, no interior do qual, às vezes, nos reconhecemos e nos perdemos.”

(2001d /1977, p. 231)

Judith Butler (2004b) nos oferece uma compreensão do papel fundamental do Outro na luta pelo reconhecimento nesta produção da interiorização do poder. Segundo ela, não podemos viver totalmente às expensas da interpelação do Outro, nem podemos viver sem interpelar os outros a partir de uma determinada posição.

Por isso, neste trabalho, tentei seguir os caminhos em que o corpo pode explicitar a sua ficção - esta produção discursiva que vem com o projeto político da modernidade - especialmente a invenção deste arranjo particular que articula oposições, continuidades e descontinuidades que envolvem idade, gênero e homossexualidade considerando-se a interpelação da diferença desde o lugar do Outro. No jogo desta ficção do real, articulada na produção de um ato interpelativo, isto se sustenta porque fabricamos/ficcionamos a diferenças: “ficcionamos a história a partir de uma realidade política que a torna verdadeira, ‘ficcionamos’ uma política que ainda não existe, a partir de uma verdade histórica” (Foucault, 2001d /1977, p.193)

Diante disto, me voltei a um processo singular de envelhecimento: o envelhecimento dos homens que se identificam como homossexuais ou homens que participam de redes homoeróticas de socialização e praticam sexo com outros homens, reconhecendo que esta posição é uma ficção, assim como a heterossexualidade o é.

Mesmo reconhecendo a violência e as dificuldades que os homossexuais idosos podem enfrentar em uma sociedade abundante em privilégios ao regime heterossexual compulsório, eu tentei afastar-me da perspectiva de vitimização. Eu trabalhei com o conceito de envelhecimento como um efeito performativo diante da heterossexualidade compulsória e das hétero e homonormatividades. Alguns dos mais importantes desafios políticos deste trabalho foram então aqueles de compreender como esses homens viviam e organizavam suas vidas enfrentando os discursos que os fazem ser e dizer quem eles são ou o que pensam ser - no exercício da sexualidade e erotismo.

A ideia de idade ou de pertencer a uma certa idade, fornece em certa medida inteligibilidade a nossas vidas. Nós pensamos sobre nós mesmos e as pessoas ao nosso redor como adolescentes, adultos, crianças, idosos. Muitas possibilidades ou impossibilidades que podemos ter diante de nós são profundamente dependentes das fases da vida e o que podemos ou não com a idade que levamos. Isso acontece principalmente devido a um aparato

discursivo que tenta estabelecer o modo como alguém ou algo pode ser reconhecido e ‘citado’ como um possível ou impossível em termos de uma vida precária ou não. Há um regime discursivo em ação (performativa), trabalhando constantemente para alcançar esse sentido de continuidade entre as fases de vida, que se transformam em algo que parece ser natural e evidente (Louro, 2004).

Neste sentido, recorro novamente a Butler (2004a) quando afirma que a noção de performatividade não pode ser compreendida fora de um processo de reiterabilidade, uma repetição regularizada e coercitiva da norma. Além disso, ela afirma que esta ritualização, em sua repetição incessante, é o que permite ao sujeito constituir seu contorno/domínio temporários.

Concordo com Rose-Marie Lagrave (2009) quando descreve o envelhecimento como um lugar privilegiado para a contestação das normas de gênero e, mais amplamente, com os regimes heteronormativos. Na verdade, eu gostaria de enfatizar essa proposição, pois entendo a velhice, juntamente com a autora (op. Cit.), como um momento de rebeldia e subversão e não apenas um momento de resignação e tutela, como a grande maioria da sociedade entende que é. Lagrave (2009, p. 113) propõe que “questionar uma ordem das idades é uma maneira de re-encantamento, no sentido em que interrogamos sob novos riscos as evidências tributadas à velhice, realocando os recursos cognitivos e políticos insuportados cruzando os efeitos recíprocos entre a ordem dos gêneros e das idades”.

Idade, gênero, sexualidade, classe social e raça são categorias históricas e políticas contingentes e que não funcionam separadamente. Pelo contrário, elas se articulam e se substanciam. Dificilmente poderíamos pensar sobre a categoria de idade sem conectá-lo com o gênero, sexualidade e/ ou a questão da raça. Portanto, a idade é uma das categorias que organizam a vida (e se instituem como elementos de decifração da vida) em diferentes formas e contextos sócio-políticos. Algumas performances de gênero e sexualidade só se tornam possíveis através de um discurso sobre a idade, impondo o que é certo ou errado para cada fase da vida. Portanto, parece estratégico investigar como a idade cria condições de inteligibilidade e como ela se articula com gênero e sexualidade em face do projeto biopolítico das sociedades ocidentais.

4 . Dissidências homoeróticas

Muitas e perturbadas controvérsias envolvem as significações sobre os processos de envelhecimento. Mas atrevo-me dizer que a sexualidade é um dos dispositivos mais dinâmicos nessa trama biopolítica (Foucault, 1997/ 1976) que opera de uma maneira particular com o passar do tempo, fazendo com que o corpo do idoso permaneça por mais tempo disponível à moralidade médica, religiosa, educacional e/ou jurídica.

De alguma forma, se poderia considerar a ideia de que o idoso teria menos facilidade para incorporar as transformações de gênero e da sexualidade. No entanto, este é certamente um fantasma normativo. Certamente, como Michel Bozon (2009, p.125) afirma: “(...) as gerações idosas de hoje praticam um repertório mais largo do que aquelas de on-

*Perfor-
mances
de um
corpo
contestado*

F. A. Pocahy

tem, na medida em que elas passaram sua vida adulta em um contexto de ampliação das possibilidades e de diversificação dos percursos afetivos”.

Neste sentido, é preciso destacar novamente, a norma cria ficções que dão continuidade e perenidade para esses atributos de gênero e sexualidade que são entendidos como pertencentes a cada época ou de cada fase da vida. No entanto, em seus regramentos performativos, por vezes, a norma (se) perde diante de algumas formas agonísticas de contestação e reenquadramento. Este é o tipo de problematização que norteou as reflexões produzidas durante o trabalho de campo de minha pesquisa.

Eu organizei um conjunto de reflexões sobre as possibilidades abertas nos limites do “grande continente cinza” (Le Breton, 2008 /1990) como a sexualidade do idoso é comumente representada. Um continente criado no projeto moderno, onde o “envelhecimento desliza lentamente para fora do campo simbólico, que se afasta dos valores da modernidade: juventude, encantos, vitalidade, trabalho, boas performances, agilidade” (Le Breton, 2008/ 1990, p. 210). Neste estudo tentei problematizar como um corpo que é representado socioculturalmente como improdutivo, desqualificado, precário, bizarro, monstruoso vem ser contestado ou mantido dentro do chamado gueto homossexual ou culturas LGBT.

Através deste movimento cartográfico em pesquisa, tentei fazer uma ligação entre os significados que se articulam na vida moderna e no governo dos vivos (Foucault, 2006/ 1976) tomando a velhice como um elemento de análise discursiva. No decorrer da análise, eu reconstruí cenas e performances que furam parte dos bloqueios das fronteiras do regime normativo da sexualidade e do paradigma político que ele representa. As narrativas desta pesquisa (tese) de alguma forma embaralham os jogos discursivos da identidade e da diferença (Silva, 2007). O fato de que alguém se identifica como homossexual, gay, bicha, maricona, velho ou simplesmente homem pode significar tanto um assujeitamento à norma, quanto rupturas diante dos termos de nomeação injuriosa que podem variar com o tempo e contexto, e em algumas maneiras subverter o gênero e as normas de idade ou se render a eles. De acordo com Butler “quando se diz que alguém é homossexual, a declaração é que é performativa - não a homossexualidade” (Butler, 1997, p.51).

Os homens que participaram de minha pesquisa tinham sessenta ou mais anos de idade (o mais velho tinha 70 anos) na época do estudo – um período socialmente marcado por novas conquistas sociais e direitos. Eles são pessoas que constantemente negociam com categorias políticas e discursos que foram produzidos desde os movimentos de libertação sexual e que fazem parte das tensões que envolvem as políticas sociais e culturais contemporâneas de gênero e sexualidade.

Apesar do fato de que o meu trabalho de pesquisa falar sobre estes homens (alguns dos quais eram falantes silenciosos, especialmente nas cenas cartografadas em saunas), manteve seus segredos, especialmente sobre a categorização das identidades sexuais dos participantes. Afinal de contas, muitos dos homens que participaram dos locais estudados, não se identificam como homossexuais. Por outro lado, não foi minha intenção procurar os sinais do passado, evocando as feridas da vergonha, humilhação, abandono e violência entre aqueles que afirmativamente se identificaram como gays ou homossexuais, embora se possa dizer que muitos deles viveram tempos mais difíceis em termos de proteção social e da garantia de direitos.

Isto permitiu um afastamento da estratégia de localizar no passado uma espécie tempo de glamour, onde o corpo poderia ser considerado mais bonito e forte e a vida poderia ser considerada melhor do que hoje. Tive muito cuidado sobre isso, especialmente nas entrevistas com os homens idosos, a fim de evitar algum tipo de nostalgia e perversão de pesquisadora. A ideia que muitas pesquisadoras e muitos pesquisadores ainda têm de remeter as pessoas idosas para o seu passado pode levar ao perigo de mantê-los longe de seu presente, em uma investigação coercitiva que furta o idoso do presente e do futuro, muito mais por um saudosismo e alguma perversão do/a pesquisador/a do que propriamente de um movimento de historicização do presente.

Ancoro-me novamente a Lagrave (2009) quando esta afirma que para trabalhar sobre sua própria vergonha é também pensar sobre o estatuto e o lugar do desejo na economia do envelhecimento. No entanto, certo desvio desta ideia foi necessário. Fez-se então um silêncio sobre vergonha, pois eu estava convencido de que trabalhar com a ideia de vergonha poderia trazer ressentimentos que poderiam silenciar o que eu encontrei como a coisa mais subversiva nesta pesquisa - o conjunto de cenas em que os homens idosos se jogam nas experimentações do presente e onde os seus corpos derivam na intensidade e vertigens do erotismo. Além disso, apesar de que a vergonha e ressentimento podem fazer parte do cotidiano dos homens cujas práticas foram estudadas nesta pesquisa, eu temia que eles pudessem silenciar os prazeres vividos por eles e supliciar culturalmente mais uma vez seus corpos.

O cálculo final foi muito menos de sofrimentos e mais de uma multiplicidade de prazeres que vivem estes homens. Isso permitiu-me acompanhar uma experiência de envelhecimento a partir de um ponto de vista mais leve e suave em que o foco não é a vitimização.

As histórias e relatos reunidos em minha pesquisa não eram de queixas e ressentimentos. Em vez disso, eles mostraram possibilidades de contestação que são importantes para nos fazer pensar sobre o que estamos fazendo a nós mesmos e no que estamos nos tornando. O que importava não era pensar no que alguém é ou foi, mas acompanhar os movimentos do sujeito em seu processo de “tornar-se” (Butler, 2005c).

Neste trabalho de pesquisa escrevi sobre momentos, situações e arranjos estéticos que mostravam as lutas com definições padronizadas do que significa ser velho e homossexual em uma sociedade que obcecada pela imagem de certa juventude e um padrão de beleza monótono e hierárquico, racista e por isso expresso em muitas formas arbitrárias. A análise apontou para performances que podem perturbar as representações atuais e ironizar a homossexualidade e o envelhecimento, que são produzidos também de forma abjeta dentro de subculturas homossexuais.

Não se economizam por aí em representações irônicas e desqualificantes sobre homossexuais idosos, posicionando-os como pervertidos e pessoas abomináveis, cuja sexualidade continua a ser insistentemente ativa quando não deveria mais o ser. Conforme Júlio Simões (2004), no jogo dessas representações o idoso é visto como uma categoria de pessoas cuja única opção seria vivenciar a sexualidade sob tarifa/ pagamento e/ou de forma fugaz e arriscada.

*Perfor-
mances
de um
corpo
contestado*

F. A. Pocahy

Mas eu continuo a me perguntar: que tipo de problemas surgem quando pensamos nos tipos de sociabilidade caracterizadas por contatos sexuais ditos impessoais e situações definidas como arriscadas? Por que essa preocupação exacerbada com os idosos nesse sentido? Qual seria o problema em alguém idosa ou idoso praticar encontros furtivos, fugazes, efêmeros?

Horacio Sívori (2005) indica que as práticas múltiplas que ocorrem dentro do vasto território da sexualidade das chamadas minorias sexuais pode colocar os limites da norma sexual em jogo. Estas práticas envolvem não só a submissão à norma, mas também de resistência e criatividade. Seguindo o pensamento de Judith Butler (2005c, p. 334), talvez o conceito de gênero na homossexualidade requeira novas formas de teorização que superam as categorias de masculino e feminino, masculinidade e feminilidade, que poderiam deslocar os limites binários das normas de gênero e as regulações no exercício da sexualidade.

Em face da agonística das relações sociais produzidas na trama da homossexualidade e envelhecimento olhei para dissidências e interrupções em homo e heteronormas que poderiam ser fornecidas pelos cenários e práticas que envolvem velhos e homoerotismo. O que eu encontrei são homens que, estrangidos pelos discursos que definem o envelhecimento como uma categoria abjeta e a qual pertencem e que os condena aos limites de uma sociedade dócil e útil, desafiaram as normas e se atreveram a dizer o seu nome, sua idade e a viver a sua sexualidade. Impulsionado por essa vertigem eu sempre me perguntei sobre a possibilidade de considerar as práticas em torno do sexo entre homens e o homoerotismo como forma de contestar as representações culturais e, muitas vezes, de parodiar o envelhecimento.

5. Conclusão

A idade que levamos é um meio de dar inteligibilidade ao que pode ser considerado como uma vida socialmente possível, produzida a partir de compromissos institucionais e políticas para arranjos culturais. Dessa forma, estamos diante de uma negociação discursiva que não vai fazer outra coisa senão tentar situar o sujeito de uma forma reconhecível e como um alguém que pode ser “citado” - que produz experimentações de si mesmo desde citacionalidades ritualísticas - como um sujeito possível ou imaginável.

Entendo a idade como uma categoria política, histórica e contingente, bem como gênero, classe social, sexualidade e/ou a raça. Neste sentido, muitas são as disputas envolvendo os significados do envelhecimento, mas eu arrisco dizer que talvez a sexualidade funcione como este dispositivo dinâmico da biopolítica que opera em um modo particular com o peso da idade, sujeitando o corpo para moralidades médicas, religiosas, educacionais e jurídicas por mais tempo.

De certa forma, seria possível levar em consideração a ideia de que os idosos teriam dificuldades para incorporar algumas flexibilizações relacionadas a gênero e sexualidade, como afirma Bozon (2009). No entanto, eu acredito que este é oferecido mais como um fantasma normativo. Dessa forma, podemos pensar que a norma, as suas representações

e as performances produzidas a partir de seu engendramento discursivo, gera ficções que tentam perpetuar atributos de gênero e sexualidade para cada idade da vida. No entanto, esta medida de controle e deixar escapar formas de contestação e resignificação – em termos de tensões geracionais.

Outra forma de produção abjeta sobre o envelhecimento emerge na experiência de homonormatividade. Esta forma normativa não hesita em produzir significados de precariedade e desprezo pelos espaços de sociabilidade dos chamados “desviantes” do bom modelo de homossexualidade ou o bom sexo da homossexualidade. A sauna e o cinema pornô são certamente espaços considerados como impensáveis - o “impossível real” (Butler, 2005) - e começam a ser representados como inferior, desprezíveis, repugnante, espaço dos anormais. Os significados atribuídos a estes locais de sociabilidade operam no sentido de inferiorização/ hierarquização, sendo produzidos a partir de enunciados performativos de uma vida miserável e triste, cuja a aplicação de um castigo (por exclusão e desqualificação) às almas perdidas e sujeitos aos indesejáveis.

Como aponta Foucault (2001f/ 1973), as normas pesam sobre os corpos e inscrevem neles as marcas do poder. Um corpo abjeto muitas vezes que se transforma em um objeto de punição exemplar para aqueles que se atrevem a contradizer o que está estabelecido como socialmente em termos de uma (gay) vida legíveis e elegíveis.

Diante das narrativas produzidas a partir das entrevistas de campo, eu não escolhi o murmúrio sobre o sofrimento como explicação da experiência da sexualidade e esta não ocupa um espaço de inteligibilidade, como ocorre em muitos estudos, onde uma certa perspectiva de vitimização pode ser observada. Este foi o caminho escolhido por onde cheguei mais perto de uma experiência singular de envelhecimento. Não estamos diante do lamento ou vitimização, mas de encontro a estratégias de reconhecimento e experimentação do envelhecimento sem pudor de ficar nu.

Não temos aqui um conjunto de reclamações ou de ressentimentos, mas um arranjo de vidas que experimentam micropolíticas contestatórias, que nos auxiliam a pensar sobre o que estamos fazendo de nós mesmos. Trata-se de um encontro com o que deixa alguma coisa escapar em termos de prazer, com prazer, com a presença de uma certa maneira indiferente que brinca com os fantasmas (e tormentos) da (boa) “homossexualidade” e do envelhecimento.

A questão do meu estudo foi não saber o que o sujeito é. Busquei acompanhar o devir - o que se tem a sorte de tornar-se, mesmo que seja apenas por uma curta estada em uma sauna ou algumas horas em um cinema pornô. Lugares heterotópicos, espaços de experimentação furtivas, fugazes, plano eróticos inacabados, ‘imperfeitos’, outros espaços – espaços-outros, sem lugar no real imaginário das normas de gênero e no uso útil dos prazeres .

Meu problema de pesquisa foi e continua sendo a norma. Isto significa que os interlocutores não estão aqui para representar os movimentos pós-identitários ou grandes rupturas no regime verdade sobre o gênero e a sexualidade. Por outro lado, eles permitem que

*Perfor-
mances
de um
corpo
contestado*

F. A. Pocahy

acompanhemos os movimentos de quem se produz e vive por subverter a norma, (re)inventando prazeres e sociabilidades em busca de novidade.

Esta abordagem permitiu-me seguir um ensaio de análise que faz um esforço no sentido de exaustão (no sentido de um certo cansaço) das formas de representação que nos cercam, interpelam e nos posiciona em um lugar de enunciar o desejo e os prazeres pelo dispositivo de idade. Essas cenas e posições de sujeitos que eu trouxe neste artigo são movimentos de exceção: ensaios que tentam afrouxar as normas, especialmente as normalidades em torno das experiências de subjetivação da sexualidade e gênero.

O que se pode ver e ouvir entre vapores, sussurros e gemidos é o movimento escorregadio de um corpo em devir – em deriva –, auto-banido das disciplinas e moralidades canônicas que, de alguma forma, voltou para o seu próprio corpo, como uma superfície sempre inacabada, recusando suas medidas e supostas inteligibilidades por alguns momentos. Talvez o velho no / do corpo mal educado, o corpo indócil.

O corpo é uma ficção política, suas formas são forjadas e construídas em dispositivos de gênero, sexualidade, idade, etnia, tamanho, etc. O corpo do jovem, o corpo cheio de força, beleza e velocidade é o corpo construído pela utopia moderna, uma proposta ideal, mas dificilmente (improvavelmente) alcançado.

Existem outras possibilidades para pensar o corpo, fora das normas restritivas que constantemente limitam-no? Dificilmente se poderia afirmar isso. Afinal, no momento em que a norma está enfraquecida, outros movimentos normativos podem ser gerados. No entanto, as performances e movimentos produzidos pelos homens nesta pesquisa podem mostrar-nos que o jogo não acabou e que sempre pode haver mudanças. O corpo é o lugar em que podemos jogar este jogo. O corpo, arrisco dizer novamente, pode ser o local de uma heterotopia, um lugar-outro para os prazeres e para os desejos que vão além do “desejável”, movendo-se em formas desobedientes, formas, cores e sentidos inusitados. Foucault (2009, p. 20) comenta em *Les corps utopique Les heterotopies* que talvez esteja a razão pela qual alguns de nós gostemos tanto de fazer sexo: “porque no sexo o corpo está presente.”

Assim, se as performances, cenários e as narrativas que fazem parte do presente trabalho puderam, por vezes, subverter a norma e, por vezes, estiveram em conformidade com ela, minha questão foi saber como se constituíram esses movimentos e como os sujeitos escapavam.

Referências

- Barthes, R. (2006). *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva.
- Bozon, M (2009). Les âges de la sexualité. Entretien avec Michel Bozon par Marc Bessin. La tyrannie de l'âge, *Mouvements*, 59, juillet-septembre, La Découvert, Paris, pp. 123-13.
- Butler, J. (2004a/ 1997). *Le pouvoir des mots. Politique du performatif*. Paris, Éditions Amsterdam.
- Butler, J. (2004b/ 1993). *Cuerpos que importan. Sobre los límites materiales y discursivos del sexo*. Buenos Aires : Paidós.

- Butler, Judith (2004b). *Défaire le genre*. Paris: Éditions Amsterdam.
- Butler, Judith (2005). *Le récit de soi*. Paris: Editions PUF.
- Duggan, Lisa (2003). *The Twilight of Equality?, Neoliberalism, Cultural Politics, and the Attack On Democracy*. Boston: Beacon Press.
- Foucault, M. (1997/1976). *História da sexualidade. A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal Editora.
- Foucault, M. (2001a/ 1984). Le souci de la vérité. In Foucault, M. *Dits et écrits II, 1976-1988*. Paris: Éditions Gallimard.
- Foucault, M. (2001b/ 1984). Michel Foucault, une interview: sexe, pouvoir et la politique de l'identité. In: Foucault, M. *Dits et écrits II, 1976-1988*. Paris: Gallimard.
- Foucault, M. (2001c/ 1984). Foucault. In Foucault, M. *Dits et écrits II, 1976-1988*. Paris: Éditions Gallimard.
- Foucault, M. (2001d/ 1978). Sexualité et pouvoir. In Foucault, M. *Dits et écrits II, 1976-1988*. Paris: Gallimard.
- Foucault, M. (2001e/ 1977). Les rapports de pouvoir passent à l'intérieur des corps. In Foucault, M. *Dits et écrits II, 1976-1988*. Paris: Gallimard.
- Foucault, M. (2001f/ 1973). La société punitive. In Foucault, M. *Dits et écrits I, 1954-1975*. Paris: Gallimard, 2001.
- Foucault, M. (2006/ 1976). *Defender la sociedad*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina.
- Lagrave, R-M. (2009). Ré-enchanter la vieillesse. In La tyrannie de l'âge. *Mouvements*, 59, juillet-septembre, Éditions La Découvert, Paris, pp. 113-132.
- Le Breton, D. (2008/ 1990). *Anthropologie du corps et modernité*. Paris: Éditions PUF.
- Louro, G. L. (2004). *Um corpo estranho. Ensaio sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Editora Autêntica.
- Louro, G. L. (2009). Heteronormatividade e Homofobia. In Junqueira, R. D. (org.). *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*, Brasília, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO.
- Mendes-Leite, Rommel. (1992). Participation observante. *Le Journal du Sida* (43 - 44), Paris, Arcat Sida, octobre – novembre, p. 7.
- Pocahy, F. A; Nardi, H. C. (2007). Saindo do armário e entrando em cena: juventudes, sexualidades e vulnerabilidade social. *Rev. Estud. Fem.*, Abr, vol.15, no.1, p.45-66.
- Pocahy, F. A. (2011). *Entre vapores e dublagens: dissidências homo/eróticas nas tramas do envelhecimento*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre.
- Preciado, B. (2009). *Pornotopía. Arquitectura y sexualidade en "Playboy" durante la guerra fría*, Barcelona, Anagrama.
- Simões, J. de A. (2004). Homossexualidade masculina e curso da vida: pensando idades e identidades sexuais. In: Carrara, S. et al (org), *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Editora Garamond.
- Sívori, H. F. (2005). *Locas, chongos e gays. Sociabilidad homosexual masculina durante la década de 1990*. Buenos Aires: Antropofagia.

Perfor-
mances
de um
corpo
contestado

F. A. Pocahy

Correspondência

Fernando Altair Pocahy
Email: pocahy@uol.com.br

Biografia

Fernando Altair Pocahy

Professor no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza - UNIFOR. Pós-doutorado em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC (CAPES / Bolsa Reuni); Doutorado em Educação e Mestre em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) (ambos sob Bolsa CAPES). Coordenador do Laboratório de Estudos e Pesquisas Multiversos - Corpo, Gênero e Sexualidade nos Processos de Subjetivação. Tem experiência em ensino, pesquisa e intervenção em Psicologia, Educação e Saúde Coletiva na interface com Direitos Humanos, atuando principalmente nos seguintes temas: corpo, geração, gênero e sexualidade.